



Yubiza Zárate\*

## Sobre desconstruções e transformações no trabalho psicanalítico

O trabalho psicanalítico tem como fundamento a desconstrução e transformação dos nós sintomáticos que afetam a psique do sujeito para que tenha acesso a uma maior liberdade de ação pensada e menor mal-estar em sua existência. Com o passar do tempo os conceitos que Freud inaugurou, foram investigados detalhadamente por psicanalistas contemporâneos e foram construídos novos conceitos sucessivos, que

\* Asociación Psicoanalítica Chilena.

evidenciam uma função específica daqueles descobertos por Freud. Por isso, as novas versões conceituais continuam tendo algum vínculo com a raiz conceitual a partir da qual foram criados e publicados. Existe atualmente, ainda em debate, a pesquisa psicanalítica sobre se o espectro autista é uma quarta estrutura, observando-se o modo de proceder e a aproximação ao mundo de pessoas diagnosticadas dentro desse espectro, para diferenciá-lo da estrutura psicótica, à qual foi atribuído como pertencendo, por muitos anos. Neste século da pós-modernidade, se fala de desconstrução e transformação para destacar o processo que ocorre na mente da diáde analítica e sua comunicabilidade. Presta-se atenção ao processo de vinculação e desvinculação de pensamentos, e sua transformação em expressões comunicáveis. O avanço na pesquisa da psique também transformou a teoria da técnica, que ressaltou a relatividade da interpretação do fenômeno observado, pois esta está determinada pelo vértice de observação de quem é o objeto da repetição transferencial, ancorada em alguma singularidade real do analista como sujeito. Isto torna significativo o onde, o que e o para que se observa e interpreta, por conseguinte, a verdade analítica desvendada também é relativa, pois responde a um cenário onde sujeito/objeto e situação se desdobram em tempo e espaço. Então, poderia se pensar que a desconstrução analítica é um emergente que depende da psique do analista, e a transformação que este realiza é uma construção em um espaço e tempo analíticos, o espaço que conformam analista/analisante, com a finalidade de que a interpretação leve a novas transformações.

Este trabalho aplica os conceitos de desconstrução e transformação ao processo psicanalítico realizado com uma paciente a quem chamarei de Milena. A ênfase neste trabalho é “o trabalho do negativo”, que se manifesta na encenação da autodestrutividade para um outro, repetição compulsiva que afetou o *self* em sua liberdade de ação pensante, devido a um sem sentido que é colocado em cena. Penso que se coloca em ato para ser significativo, mas tem um a mais de impacto de gozo mortífero que se articulou a partir do fato de, desde muito cedo na infância, ter que lidar com atos suicidas da mãe, que lhe geravam, por um lado o terror, e por outro a ativação dialética da onipotência/impotência que entravam em jogo neste ato suicida. É um evento que desorganizava o *self* em construção de Milena, e que agora, adulta, continua desorganizando, pois foi adicionado o trauma pelo suicídio da irmã; sombras que caíram sobre o eu impedindo que o *self* se distancie pela perda e advogue sua sobrevivência. Este apego do eu com objetos mortos-moribundos, está relacionado com processos narcisistas, onde o eu em seu reflexo especular se percebe indiferenciado dos objetos identitários: mãe e irmã, o que impulsiona Milena a procurar também sua morte. Será esta repetição, a manifestação do desejo materno mortífero que impele à desconstituição da identidade primária de Milena; e/ou é uma expressão da luta constitutiva do eu para emergir da fusão objetual primária? Esta repetição no trabalho analítico, em parte poderia ter a intenção de ao tomar o controle egoico de seu aspecto tanático, diferenciá-lo do desejo mortífero do objeto primário.

A luta entre forças vitais e destrutivas em Milena, no início da análise tinha um predomínio destrutivo: em algumas ocasiões inclinava-se para a sobrevivência, mas de uma forma agônica, confundindo-se

alucinatoriamente com as imagos suicidas, mostrando um estilo sadomasoquista em seu trabalho; e em outras ocasiões procurava calar o padecer desinvestindo o *self*/objeto o que resultava em um “deixar de existir”, onde dor e existência eram indissociáveis. Em palavras de Green (2001), o narcisismo de morte “tenderia a zero, ou seja, à auto-aniquilação do sujeito” (p. 306). Este mecanismo, juntamente com a presença de outros em seu funcionamento, como a negação, cisão, identificação projetiva, se propõe a poupar a consciência da tensão dolorosa que impõe automutilações aos processos de pensar. No entanto, o fato de Milena questionar-se por seu pesar agônico, por o que ela teria para atrair os loucos que a aterrorizam e fascinam ao mesmo tempo, possibilitou que se instalasse o dispositivo analítico.

Bion (citado em O’Shaughnessy, 1981/1994) em sua teoria das transformações, seguindo os princípios de Freud, propôs que tanto o princípio do prazer quanto o da realidade, como os instintos de vida e os instintos de morte são os dirigentes da vida psíquica. Para este autor, as chaves da sessão são a observação do movimento de L, H ou K, e depois decidir qual destes movimentos é o centro da interpretação. As perguntas que direcionam a sessão são: 1. O material que está emergindo na sessão é expressão da ansiedade, é uma defesa contra L, H ou K? 2. Se K é quem predomina, que forma de K é? A forma pode mostrar se a pessoa está se esforçando por conhecer ou está muito ansiosa para pensar. Se assim for, estamos frente a K. Se a pessoa está demolindo sua experiência, estamos frente a (-K). Se a pessoa vive em um estado de ilusão, ou em seu mundo criado sem a possibilidade de pensar, então estamos frente a (Não K). Esta seria uma forma de conceber o processo analítico mediante o desconstruir que ocorreria na mente do analista que escuta com atenção flutuante o discurso do analisante, para determinar por intuição o fato selecionado e depois transformá-lo em uma interpretação que organiza os elementos de uma forma criativa.

Na verdade, tanto o analisante como o analista comunicam transformações por meio da identificação projetiva comunicativa. O analista ao conter a identificação projetiva e desconstruí-la, permite devolver uma transformação que produza compreensão no analisando. Este pode associar outros elementos com o recebido, a tal ponto que o transforma e produz uma cadeia de transformações que lhe permite ter acesso ao centro da problemática inconsciente e assim poder elaborá-la. No entanto, se a interpretação gera resistência no analisante, pode desembocar em uma não compreensão que pode produzir um *impasse*, uma ruptura no vínculo de pensamentos. Existem diversos tipos de transformações: as de movimento rígido, as projetivas, as em alucinação, além das transformações em K e (-K) e em O. Estas transformações podem se concentrar em espaços psíquicos heterogêneos, caso se considere a psique composta por estruturas nas quais, em seu interior, ocorram cisões. As cisões do eu marcam realidades em paralelo; talvez sejam as mais difíceis de elaborar analiticamente, na medida em que implicam processos narcisistas que desmentem a constituição do eu real, persistindo em sua fixação ao narcisismo primitivo correspondente à identificação primária ideal passiva, “ser para o outro” (Marucco, 1998).

Muitos teóricos aproximam este processo de transformação que ocorre em uma sessão analítica ao trabalho do sonho, no sentido de que

existe um conteúdo manifesto e um latente com suas próprias leis que permitem desconstruir o que mascara a formação sintomática, que poderia se equiparar ao que Derrida denomina “marca dupla” ou duplo laço, onde entra em ação uma desierarquização do significado, para desvendar a verdade obscura. Não obstante, que sinais mostra o que ainda não tem representação? Principalmente, quando a luta entre aspectos cindidos do eu se manifesta em uma sensação dolorosa corporal.

O conceito de desconstrução foi inicialmente proposto por Heidegger e depois desenvolvido por Derrida. Este filósofo argelino em conversas com Caputo (2004) expôs a ideia de que desconstrução implica análise do processo do pensamento de quem escuta ou lê com atenção, com o propósito de desarmar algumas estruturas rígidas ou dogmáticas, revelando a tensão, a contradição, a heterogeneidade em seu próprio *corpus*. A desconstrução, diz Derrida, “é algo que ocorre no interior de quem escuta com atenção”, é “um trabalho de ação” (citado em Caputo, 2004, p. 6), é do estabelecido que irrompe o disruptivo que demanda uma nova ordem ou organização. Ao se considerar o processo de pensamento de quem escuta um material, é possível que se atente ao contraditório, ao que configura e desconfigura o processo de pensamento ligado à ética do discurso. Não obstante, esta descrição de Derrida não deixa claro se o processo ocorre por intuição ou é um processo inteiramente reflexivo-estratégico ou argumentativo de análise. Penso que a diferença estaria em que o psicanalista consegue compreender o conteúdo inconsciente de seu paciente por meio da intuição pelo vínculo transferencial. A psicanálise tem como objetivo a transformação do que persiste em se repetir como um texto que se encena, que demanda ser construído, para que o oco irrepresentável deixado pelo trauma possa ser integrado à rede simbólica e de liberdade para pensar. A partir desta base teórica apresentarei meu trabalho com Milena.

### Trabalho psicanalítico

Milena, é uma mulher profissional liberal de aproximadamente 35 anos, impressiona por seu funcionamento psíquico no limite da vida/morte; este é um limite confuso que evidencia o drama primário *in video* que se repete, porque ficou marcado na psique de Milena como uma fixação de atração/terror em relação à morte. O drama materno que marca sua existência desde muito cedo em sua infância, são as repetidas tentativas suicidas de sua mãe, e a ação salvadora de Milena ajudada por sua irmã mais nova, e onde o pai é o grande ausente. Na idade adulta, sendo já uma profissional, ocorre que a irmã foi morar em outra cidade, e no mesmo dia em que falam por telefone sobre projetos futuros, durante a tarde, Milena recebe a notícia de que a irmã havia se suicidado. Esta situação de vida é a que marca sua história; parece que Milena esta sempre na encruzilhada entre um viver e um morrer, sem poder se apropriar de “sua vida”, mas que ela é um penar<sup>1</sup>, uma dor profunda e intensa que insiste em ultrapassar os limites

1. M. Klein propõe usar penar para referir-se ao temor de perder os objetos amados e a ânsia de reconquistá-los (1940).

toleráveis da contenção corporal e mental que transfere à mim, sua analista e perturba o pensar, inundando meu corpo de uma tensão dolorosa impensável por certos momentos. Sob esse padecer, as escassas palavras de Milena não expressam a emocionalidade vivenciada, que imagino como um jato que flui e rega todo o espaço; torna-se pouco possível materializar com a interpretação um tipo de torniquete para que ela e a situação analítica não escorram por completo.

A primeira etapa da análise se caracterizou pelo silêncio, o pranto e o humor depressivo de Milena, colocando continuamente a dúvida pessimista de seguir ou não com a análise, queixando-se de sentir que não “melhorava”, e mais ainda, em suas palavras, “piorava sua dor ao entrar em contato com o morto”. Este colocar em xeque a análise se figurou como o ato ou tentativa suicida desta, onde encena a autoridade de matar o vital da análise, assim como o faz com sua vitalidade. Perguntei-me então, se havia transferido a situação traumática infantil à análise, como um ato de repetição do sem sentido da tensão entre o mortífero e a frágil vitalidade. É um colocar à prova continuamente a capacidade de contenção da análise, como se requeresse transferir a situação total de sua vivência primária e ao mesmo tempo duvidar da fortaleza vital da contenção.

Nesse tempo, a análise se assemelhou ao trabalho com crianças, onde o fundamental é criar o espaço vincular de contenção dos elementos psíquicos, nomear a emoção que irrompe como um real para em seguida, juntas, transformá-la em algo pensável. Percebi que no transcorrer de seu relato-ato ocorria sempre a mesma configuração, em repetição, como se estivesse se colocando em cena o evento ocorrido há 5 anos, a morte de sua irmã; ao mesmo tempo irrompia um texto em minha mente que configurava a contrapartida dessa repetição; ou seja, dois textos simultâneos que poderia exemplificar com a imagem da figura e fundo. Um texto inconsciente que persistia em se mostrar, como uma nova teoria do evento.

Minha interpretação me parecia violenta para aquela Milena que em seu consciente estava convencida de sua teoria construída, como uma programação executada. A pergunta que emergia em minha mente era: como tecer no vínculo esta nova teoria que sua mente ocultava no inconsciente, mas que já se manifestava pela tensão entre a palavra perdida ou dissociada e a emoção que brotava? Ou deveria irromper na consciência com este novo texto, sabendo que desorganizaria seu funcionamento?

O fato selecionado que tecia suas experiências ao redor do oco traumático, era a fantasia de não ter previsto a situação que ocasionou o suicídio da irmã. Esta crença onipotente a fazia sentir culpa, roubando-lhe o direito e a liberdade de organizar uma vida produtiva e prazenteira, talvez porque a emergência da culpa respondia a uma outra ordem, ao ocultamento dos componentes tanáticos existentes no vínculo com a irmã. Só a habitava o sentimento doloroso, agônico. Esse sintoma que invadia todos os aspectos de sua vida resultava desgastante por sua persistência em conduzi-la ao limite entre a vida e a morte, que se manifestava em acidentes circunstanciais. Seu estar no mundo mostrava a devastação egoica; perdia coisas sem maior preocupação e com indiferença, sofria quedas que a imobilizavam; o se deixar ir no desmoronamento mostra-

va a fragmentação de um corpo que fracassava em sustentá-la, como se esperasse passivamente que chegasse sua morte. A interpretação aproximativa a seu processo passivo pré-consciente revelou seu “fazer” conscientemente. Então, Milena começou a trazer as diversas maneiras que tinha pensado em ser parte ativa de sua morte-suicídio. Já não repetia o se abandonar para se deixar ir junto à irmã morta, agora, recriava a diversidade de formas ativas que tinham um matiz de gozo mortífero, o gesto prazenteiro em seu rosto evidenciava o caráter masoquista de sua criação sádica. Nesses momentos me perguntava, se esse gesto e o que o rodeava estava encenado para mim como objeto de transferência, e ao mesmo tempo como aspectos do seu eu narcisista que queria ver em meu rosto, como em um espelho, seu próprio horror ante tal execução. Nesse instante assumi o risco de intervir interpretando o horror especular; no entanto, ao escolher tal interpretação, me surgiam diversos aspectos do eu de Milena, como caleidoscópio, como expressão do não integrado de seu *self*. E Milena escorreu por uma dessas fissuras que não foi contemplada com a interpretação. Sua resposta, com um ar de prazer onipotente e arrogante, expressou sua superioridade ante minha sensível angústia, “é só uma brincadeira”, diz, minimizando o fato. De repente tinha uma outra pessoa no divã, já não era a frágil, empobrecida e triste jovem que chorava silenciosamente, querendo morrer; agora estava a arrogante profissional que tinha defensivamente fugido em direção ao extremo oposto, projetando em mim por identificação seu aspecto angustiante, paralisante do Ego.

A interpretação psicanalítica é uma hipótese de trabalho que vai se transformando com o dinamismo psíquico. A possibilidade de mostrar a Milena sua intenção infantil onipotente de salvar ou deixar morrer as pessoas amadas e odiadas, agora tinha desaparecido do olhar binocular ou o dos textos. Agora, deveria inaugurar um novo começo, conhecendo estes outros aspectos narcisistas de Milena. Essa ação destrutiva sobre os aspectos cindidos do eu indefeso, não estava à vista, e agora teria que trabalhar sua couraça narcisista, refúgio que lhe servia para negar seu mal-estar, seu horror frente ao impulso interno destrutivo de si e também direcionado aos outros.

A interpretação revela esse outro texto que descontinua o processo contínuo, abre brechas, ou irrompe com sulcos, que desorganiza o conhecido e demanda uma nova ordem. Esta função da interpretação que abre brechas gera angústia, perda do território conhecido e pode retardar o processo natural da psique em conseguir um sentido, não obstante, o processo se realize sob a confiança básica no vínculo analítico. Este sentido pode significar uma transformação criativa possibilitando à pessoa maior liberdade em seu processo intrapsíquico e com quem se relaciona. Não obstante, pode ocorrer que a interpretação entre em contato com espaços que geram angústia e sejam ativados mecanismos defensivos que produzem uma transformação em negativo ou, como melhor se conhece, um recuo narcisista, deslaminando o vínculo e o processo. Neste caso, se ajustaria a interpretação, voltando a pensar nos fatores envolvidos tanto do analista como da reação do analisante e suas possibilidades psíquicas para digerir a interpretação.

O trabalho sob transferência para pacientes com traumas narcisistas é delicado, pois a repetição mostra o sucedido como se fosse lei, mas não

é representável. Irrompe, mostra o vazio que ficou na rede representacional e o propósito vital do trabalho vai orientado a que no suceder da análise o analisante possa construir aqueles espaços mentais, restaurando a rede representacional que reorganiza a estrutura psíquica. Neste caso de Milena, é o olhar com horror o desfalecer traumático das mulheres de sua linha identitária primária e secundária, primeiro como sujeito, depois como mulher, feminina. E é o assumir com responsabilidade ética por seus desejos fantasiados diferenciados da realidade material, o que lhe permitirá renunciar à condição narcisista infantil onipotente. Este é um trabalho profundo, duro e frustrante, pois vai em direção regressiva e em lenta progressão.

Outro aspecto que ressalta do trabalho analítico de Milena é a morte do pai edípico, que coexistiu com o trauma<sup>2</sup> primário do narcisismo constitutivo, e como resistência habitual à dor, Milena decidiu intempestivamente casar-se com um jovem que conhecia há pouco tempo, e desse modo fugir da dor deixada pela perda do pai, como se assim substituisse a ausência de um pela presença do outro. Esse casamento durou pouco tempo, ficando a brecha novamente aberta, da dor que a remete à desorganização originária, produto das tentativas suicidas da mãe. Esta vivência de dor que metaforicamente vive como uma ferida não cicatrizada, mostra em seu movimento uma série de processos e fenômenos peculiares que chamam a atenção; a saber, os mecanismos ativados pelo psiquismo para negar a realidade dolorosa, por exemplo, o grau de regressão sofrido pelo *self*, o emprego da cisão, projeção no soma e no meio externo. Os mecanismos psicopáticos e maníacos que utiliza como uma forma de evitar perceber a dor que sente, a fragilidade interna, a desconfiança em seus impulsos e controles. Estes são exemplos de transformações projetivas.

A desconfiança em sua capacidade para considerar, significar a dor a conduz a distorcer o sentido de realidade; exemplo disso é se olhar no espelho e confundir de forma alucinatória seu rosto com o da irmã morta, sentindo medo dessa despersonalização que mostra o estado de difusão dos limites do *self*. Milena traz sonhos à sessão que mostram essa perda de limites corporais, inclusive da contenção pele; é um sonho de esfolamento que permite observar como fica registrada a perda, tanto a nível corporal como psíquico, e a importância do duplo na construção da identidade, duplo sinistro, pois aparentaria que o transferido é a condição de morrer ou estar morta, o que a analista sente nas mudanças da temperatura corporal, quando na verdade o ambiente está quente.

### Extrato de falhas na constituição especular

“Nesses dias do desastre da morte de minha irmã, chamei minha babá para que viesse se encarregar de mim, me sentia como um bebê, não entendia nada, lhe disse que não me deixasse sozinha, me lembro

2. Freud (1893/1992) expõe que qualquer experiência que produza efeitos perturbadores como medo, ansiedade, dor física pode operar como trauma, a lembrança do trauma opera como corpo estranho que muito depois de sua entrada, continua sendo um agente que opera.





de que no enterro ela me deu um pauzinho e me disse que escrevesse na lápide a data e teve que me ditar as datas porque eu não sabia, nem lembrava data nenhuma. Nesses dias me aconteceram coisas loucas como, me lembro de partes, por exemplo, quando vi a minha irmã no ataúde, me pareceu vê-la com minha roupa e de repente pareceu que me via no ataúde, me deu pânico e tive que sair correndo para ver meu rosto no espelho”. Milena em sua tristeza se confunde com a morta. Olha-se no espelho e lhe aparece em seu rosto a mistura dela e de sua irmã, o espelho reflete aspectos concretos do luto, sua impossibilidade de se separar da morta comprometendo os limites de sua identidade. Mostrando que o processo de luto se torna uma massa sem forma, de múltiplos aspectos de qualidade viva/morto.

Grinberg (1976) propõe que a confusão que o paciente sente frente ao choque da perda o conduz a se olhar no espelho pela desorganização que sofre no nível da integração da identidade; aparentemente Milena busca no reflexo especular sua imagem que a preserva com cautela, separando-se da imago do eu ideal tanático que a enlouquece e a compele para a morte. O trabalho analítico foi um entrelaçado lento com avanços e retrocessos; Milena se atreveu a se aprofundar na situação emocional ao redor das perdas que afetaram sua integridade, não obstante, cada vez que enfrenta a dor sofre regressões que imobilizam o processo por breve tempo.

No processo analítico, surgem novos lutos em relação à sua integridade narcisista-edípica, como foi o câncer descoberto em uma mama e que associa ao câncer que levou o pai à morte, o que imbrica mais o narcisista com o edípico. O psiquismo frente a uma dor intolerável ativa mecanismos inconscientes que têm como função fragmentar todo o conteúdo associado à dor intensa, o que pode marcar a desconstrução com signo negativo. É negativo porque a decomposição de aspectos não tem por objetivo criar uma nova forma vinculante/vital; ao contrário tende a romper os elos para desvincular, é uma forma de destruir.

Sobre a mãe, chama-a de “mamãe louca”. O objeto primário foi enlouquecedor para o processo de maternagem de Milena e continua sendo ao longo da vida. Em palavras de Winnicott, “a função de espelho do objeto materno, suficientemente bom, é um veículo para a organização da autoidentidade a partir da relação primária homossexual que funciona como duplo” (citado em Roussillon, 2010, p. 836). Neste caso de Milena, a função especular enlouquece e desorganiza o sentido de si, e teve suas consequências desestruturantes ante experiências de perdas significativas. Na atualidade, Milena se identifica como uma mamãe louca.

Uma forma de não se psicotizar é transferir “o louco” ao continente corporal ou a um outro. Os impulsos, (desconstruções em negativo) que emergem como imposições (“mate-se já!”) a desorganizam. Temendo passar ao ato, então para se preservar quando não tem à disposição o espaço analítico, projeta a força do impulso via telefônica, buscando conectar-se a um depositário.

Milena requer na situação transferencial um novo objeto à disposição, que cubra as deficiências primárias de maternagem, que lhe amortee as experiências impactantes, que a contenha e decodifique o que lhe chega sensorialmente como ruído incompreensível, ou que lhe altera a visão. Este padecimento sensorial pelo intenso da emocionalidade requer objetos concretos que leva consigo e que ao tocar a mantém na realidade, um tipo de talismã, objetos que atuam como tal, acessórios significativos que tenham história de vínculo emocional. Diz Milena: “é como uma espécie de almofada que decodifica o que as pessoas me dizem e que não entendo, pois eu funciono no nível operativo. Quando não encontro um outro para que me diga o que alguém quis me dizer, e tenho que esperar até vir à terapia, me dá muita raiva. Reclamei para Mark e percebi que estava raivosa porque comecei a chutar o carro e a gritar como uma louca...”.

Na transferência representei muitos aspectos dela mesma, indiferenciados do objeto primário que foi processado para ter acesso à separação egoica do eu ideal mortífero e assim conseguir integrar sua identidade real com liberdade e bem-estar. O transferido é da ordem do narcisista constitutivo e do edípico, em que ambas correntes emocionais coexistem, perturbando uma à outra. Ser o outro especular, às vezes é duplamente sinistro, mostra a luta entre o vital e o tanático, com a esperança de que o reflexo seja de um objeto maternante confiável, consistente, que não mata nem se mata, mas sim reflete vitalidade pela individuação. O separar-se e se reencontrar a cada sessão produz em Milena, uma vez instalado o vínculo, ansiedade e uma sensação pouco clara de seu estado e do meu. Nos dias próximos



às férias, Milena falta a algumas sessões, manifesta que se esqueceu da sessão, que tinha muito trabalho, e “que é melhor se virar sozinha, não tenho tempo para ir, estou cheia de atividades” e simultaneamente intui a necessidade do objeto “se não venho me descompenso”.

Com este trabalho quis mostrar que o processo de desconstrução e transformação ocorre em cada sessão analítica e afeta a psique da díade analítica, produzindo configurações e desconfigurações que têm por finalidade enriquecer a psique, dando-lhe maior flexibilidade e liberdade de ação pensada; não sem obstáculos, detenções, imobilidades. Mostra a complexidade do processo quando as representações não estão ao alcance, pelo contrário, a dupla se vê confrontada ao vazio mental e à repetição mortífera deixada pelo traumático. No transcurso do processo se evidencia a tensão entre o tanático e o vital, com a esperança de que vença a vida sobre a morte. A bússola que guia é sempre a fé no inconsciente, porém sempre fica a dúvida se o destrutivo buscará outras formas renovadas, influenciadas pela experiência intersubjetiva com o entorno para ganhar a batalha. A psicanálise aspira a que o analisante, neste caso Milena, possa enfrentar a batalha tensional ao elaborar suas experiências traumáticas acompanhada de um novo objeto, o analítico, para que com responsabilidade ética construa uma vida com liberdade de escolha pensada em benefício do bem-estar.

## Resumo

Desconstrução e transformação são conceitos que permeiam a psicanálise, em sua tripla acepção, e é o que lhe permite evoluir como ciência. O ser humano, em seu trabalho vincular com o mundo, transforma tudo o que é percebido em impressões, que depois armazena como configurações. O inconsciente irrompe na consciência desorganizando-a; cada vez que o “self” é impactado pelo desconhecido, as configurações já estabelecidas se desorganizam e buscam se reorganizar na medida de como se situa o sujeito no mundo e com os outros. Este artigo mostra esse processo no trabalho analítico simbolizado por duas mentes que se vinculam para desconstruir as teorias inconscientes que sustentam o mal-estar do paciente, transformando-se por sucessivas interpretações. É um processo de caráter emocional, em movimento regressivo-progressivo, com a expectativa de que na mente do paciente se inaugurem transformações em sua maior parte vitais, superando transformações negativas.

**Palavras-chave:** *Psicanálise, Desconstrução, Transformação, Inconsciente, Transferência.*

## Abstract

Deconstruction and transformation are concepts that permeate psychoanalysis along its three concepts, allowing it to evolve as a science. The human being, in his binding process with the world,

transforms perceptions into impressions, which are subsequently stored as configurations. The unconscious disrupts the conscious mind, disorganizing it. Every time the self is affected by the unknown, the established configurations are disorganized, and they seek to re-organize themselves based on the subject's relationship to the world and to others. This paper outlines the mentioned process during the analytical work, symbolized by two minds that undergo the binding process to de-construct the unconscious theories supporting the patient's discomfort and transform them by successive interpretations. It is a process of emotional character, in regressive-progressive motion, with the expectation of promoting patient's mind transformations, of mainly vital rather than negative character.

**Keywords:** *Psychoanalysis, Deconstruction, Transformation, Unconscious, Transference.*

## Referências

- Caputo, J.D. (2004). *Deconstruction in a nutshell. A conversation with Jacques Derrida*. Nova York: Fortham University Press.
- Freud, S. (1992). Sobre la psicoterapia de la histeria. Em: J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1893).
- Green, A. (2001). La muerte en la vida. *Revista de Psicoanálisis*, no. 58. Buenos Aires: La Prensa Médica.
- Grinberg, L. (1976). *Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- Klein, M. (1940). Mourning and its relation to manic-depressive states (pp. 125-153). *The International Journal of Psychoanalysis*, no. 21. Oxford: Blackwell Publishing.
- Marucco, N. (1998). Introducción de [lo siniestro] en el yo. Em: N. Marucco, *Cura analítica y transferencia*. Buenos aires: Amorrortu.
- O'Shaughnessy, E. (1994). W. R. Bion's theory of thinking and new techniques in child analysis. Em: E. Bott Spillius (ed.), *Melanie Klein Today* (vol. 2). Londres: Routledge. (Trabalho originalmente publicado em 1981).
- Roussillon, R. (2010). The Deconstruction of primary narcissism (pp. 821-837). *The International Journal of Psychoanalysis*, no. 91. Oxford: Blackwell Publishing.

